

VALOR 28/06/2007

O meio produtivo e o meio ambiente

José Eli da Veiga, para o Valor

Já se publicaram no Brasil diversos livros de economia do meio ambiente. Mas ainda não havia surgido uma obra que apresentasse de forma completa e sistemática os dois prismas pelos quais os economistas raciocinam sobre as relações entre o sistema econômico e o meio ambiente. O preenchimento de tal lacuna já constitui a primeira e mais óbvia virtude do livro "Os Economistas e as Relações entre o Sistema Econômico e o Meio Ambiente" (UnB & Finatec), de Charles Mueller, professor emérito do departamento de economia da Universidade de Brasília.

Mas a segunda virtude é ainda mais importante e pode ser constatada desde a leitura do sumário: sua imensa abrangência teórica. Nas 120 páginas ocupadas pelos dois primeiros capítulos, são apresentados os elementos básicos da questão ambiental e de suas relações tanto com crescimento econômico quanto com desenvolvimento. Elas são seguidas por outras 30, nas quais é contada a gênese da disciplina "economia do meio ambiente" e apresentadas suas correntes de pensamento.

A rigor, apenas essa primeira parte já seria um ótimo livro introdutório. No entanto, na transição entre essa espécie de "overview" e as duas últimas partes, dedicadas respectivamente à

economia ambiental (convencional ou neoclássica) e à economia ecológica (ou "da sobrevivência", como prefere o autor), surgem ainda 70 páginas nas quais estão explicitadas, de forma sintética, as bases conceituais das duas correntes.

Não poderia ser mais minucioso o tratamento dado por Mueller à abordagem convencional. Nos 13 capítulos a ela dedicados, sucedem-se discussões detalhadas sobre as teorias da poluição e dos recursos naturais, seguidas de três capítulos sobre suas principais aplicações atuais: valoração monetária, análise de custo-benefício, e Contas Nacionais. Para tanto, foram necessárias 240 páginas, que - outra vez - também seriam suficientes para compor o melhor livro didático sobre os malabarismos realizados pelos ortodoxos para adaptar seu paradigma aos desafios que lhes colocam os problemas ambientais.

Por isso, muitos certamente concluirão que o autor prefere essa corrente convencional. Principalmente ao perceberem que a corrente alternativa - "da sobrevivência" - só mereceu a meia dúzia de capítulos finais, cujas 75 páginas não chegam a 14% do livro. Mas será um terrível engano, pois o professor Mueller é, sem dúvida, o mais antigo e mais importante conhecedor brasileiro da ultra-heterodoxa teoria formulada pelo romeno Nicholas Georgescu-Roegen (1906-1994).

Foi a crítica de Georgescu aos fundamentos da corrente convencional (neoclássica) que, no início

dos anos 1970, trouxe pela primeira vez para o âmbito da ciência econômica o confronto mais geral entre os fundamentos da ciência clássica e da moderna. Ciência moderna que considera um mundo complexo, em que a irreversibilidade e o comportamento estocástico fazem parte da regra, não de exceções. Ao contrário do que aconteceu com a física, a química ou a biologia, que há muito deram a volta por cima, o mainstream da análise econômica continua a se valer de uma visão pré-analítica.

Uma das principais conseqüências desse anacronismo é não dar importância às relações do sistema econômico com seu meio externo. Como disse Georgescu, uma ótima ilustração dessa atitude está naquela imagem que aparece no início de todos os manuais de introdução à economia para retratar o processo econômico como um fluxo auto-suficiente e circular entre a produção e o consumo. Só que tal processo não é isolado e autocontido. Por isso, ao tratá-lo como um análogo mecânico, a abordagem convencional implicitamente supõe que o sistema econômico funcione como um carrossel de parque de diversões, não podendo de nenhuma maneira afetar o meio ambiente.

Mueller praticamente viu germinar essa que foi uma das principais sementes da revolução científica que só agora começa a brotar, após três décadas de estranho obscurantismo, como foi comentado no artigo "A complexidade em toda sua dimensão", publicado nesta mesma página em 5 de abril. É que depois de graduar-se bacharel em Ciências Econômicas pela USP (onde

foi, aliás, eleito presidente do centro acadêmico em chapa de oposição à de seu colega Paul Singer), obteve os títulos de mestre e doutor (Ph.D.) pela Universidade de Vanderbilt no início dos anos 1970, exatamente onde, e quando, Georgescu-Roegen elaborou sua crucial teoria sobre a relação da economia com a termodinâmica.

Embora como bom curitibano tenha começado sua carreira na Universidade Federal do Paraná (1962-1972), foi no departamento de economia da UnB que mais trabalhou e para o qual continua a contribuir depois de 2004, quando a idade compulsoriamente o aposentou. Nos seus 45 anos de docência, foi por várias vezes chefe de departamento e coordenador de pós-graduação, pesquisador visitante das Universidades de Manchester e de Illinois e secretário-adjunto da Associação Nacional de Centros de Pós-Graduação em Economia (Anpec). Além, é claro, de ter sido diretor e presidente do IBGE entre 1988 e 1990, curto período em que ganhou visibilidade. Uma biografia que também é ótimo indicador da qualidade deste que certamente é seu melhor livro.

José Eli da Veiga é professor titular do departamento de economia da FEA/USP e coordenador de seu Núcleo de Economia Socioambiental.

www.zeeli.pro.br